

editorial

A décima sexta edição da *Cadernos de Campo* apresenta ao leitor um número bastante diversificado de contribuições, produzidas por alunos e professores de diferentes instituições de ensino e pesquisa do Brasil e do exterior.

A variedade institucional e temática tem se afirmado como uma política da revista. Sem perder de vista a especificidade e a riqueza de cada uma das contribuições, no entanto, gostaríamos também de ressaltar a força do conjunto dos textos aqui publicados. As colaborações reunidas nas diversas seções estabelecem entre si uma conversa silenciosa que desejamos explicitar: destacamos, por exemplo, a presença de diversos trabalhos que têm como ponto de partida as possibilidades abertas no interior de uma Antropologia da *performance*, a recorrência de trabalhos que tematizam a prática etnográfica, assim como as diversas faces da discussão antropológica recente sobre produção de identidades.

Inspirado em uma experiência de campo junto às populações missionárias gaúchas, Flávio Leonel Abreu da Silveira, por exemplo, problematiza o estatuto do “informante”. A interação e os diálogos na pesquisa suscitam uma compreensão de “informantes” como atores sociais que engendram re-configurações na etnografia e desencadeiam processos reflexivos. Incorporar sentidos, categorias e emoções permite pensar o exercício etnográfico e a textualização em um plano de consciência criadora e de força imaginária.

A etnografia que Patricia Reinheimer efetua do Museu Edson Cordeiro e da Casa do Pontal

evidencia diferentes formas de reproduzir relações sociais referidas à construção de campos intelectuais distintos a partir dos tratamentos dispensados às suas coleções. As noções de “cultura popular” e “arte popular” são observadas a partir das formas de inserção dos atores sociais envolvidos na organização das coleções dessas instituições.

Rafael Tassi Teixeira, por sua vez, reflete sobre diferenças e demarcações no âmbito das representações transnacionais, tomando como objeto a migração de brasileiros para a Espanha. Etnicidade, memória cultural e identidade transnacional são temas pensados a partir de discursos sobre identidade latino-americana, de êxodo migratório e das paisagens culturais transformadoras.

Maurício Ricci tem por objeto de reflexão a glossolalia. Conhecida como o dom de línguas entre os pentecostais, este é um modo de orar extático em que o fiel se expressa através de uma linguagem, aparentemente ininteligível, acompanhada por expressões corporais que produzem sentimentos de alegria, transbordamento, choro e riso. A partir da Antropologia do Imaginário de Gilbert Durand, o autor analisa o processo de construção coletiva desse dom institucional e ritualístico que é central na teologia pentecostal.

O artigo seguinte, de Emilene Leite de Sousa, discute a reação das populações indígenas frente ao processo de implantação do turismo comunitário na Ilha do Medo/MA. Convidada pela Secretaria Municipal de Turismo de São Luís para conhecer a região, a pesquisadora

analisa o jogo de mediação entre os diversos interesses na construção dos pólos de turismo. A inserção da autora em campo, aliada à sua formação, gera um estudo proveitoso para a compreensão das relações entre planejadores de turismo, nativos e etnógrafo.

Como fazer etnografia no e do silêncio? Essa é uma das questões propostas por María Elvira Díaz Benítez em pesquisa sobre as relações homoeróticas na sala escura de uma boate de socialização de homens na cidade do Rio de Janeiro. Compreender o significado do *dark room* exige, segundo a autora, ampliar a experiência etnográfica para além de as palavras e a visão. Linguagem corporal, tato, posição no espaço, silêncio e escuridão – os elementos que compõem o ritual de interação e o preenchem de significados – devem ser privilegiados.

Sebastián Valverde e Analía García discorrem sobre os processos de construção de uma identidade étnica Mapuche na Província de Neuquén, na fronteira entre a Argentina e o Chile. A análise de tais processos perpassa, inicialmente, uma reconstrução histórica com vistas a compreender como se deu a invisibilização dos povos indígenas locais. Em um segundo momento, analisam as possíveis razões que explicariam o recente processo de reafirmação étnica, a saber, as estratégias políticas adotadas por algumas famílias mapuche na reivindicação por terras. Trata-se de mais um exemplo de uma noção de identidade que, neste caso, tem o amparo do governo nacional, mas não da instituição política provincial.

Quando pesquisava a sociedade africana Ndembu nos anos de 1950, Victor Turner elaborou, abalizado em uma metáfora teatral, um instrumento de análise conceitual que denominou “drama social” – um modo de interpretação do ritual e de compreensão do social, focalizado nos momentos de crises e desarmonia pelos quais a sociedade se transforma e se movimenta. Maria Laura Viveiros de Castro

Cavalcanti analisa a noção de “drama social” desenvolvida em *Cisma e Continuidade em uma Sociedade Africana*, que marca a primeira fase da trajetória intelectual do antropólogo inglês.

Sílvia Pizzolante Pellegrino, assim como Maria Laura Cavalcanti, opta pelo formato de ensaio. Ela efetua um balanço interpretativo da produção literária e audiovisual sobre o tema das imagens em suas relações com contextos indígenas e com a Antropologia. A autora aborda o processo de construção de imagens e auto-imagens, focando especialmente a representação em filmes e vídeos etnográficos e, por meio da análise destes “produtos”, destaca como realismo e formas de alteridade articulam diferentes concepções de visualidade.

Partindo de um trabalho de campo em um bairro de Olinda/PE, Anna Catarina Morawska-Vianna propõe questões relacionadas à importância de considerar narrativas cotidianas e as realidades por elas construídas em análises antropológicas. A autora avalia criticamente o alcance e limites da teoria de cultura de Geertz e sugere, como alternativa à abordagem geertziana, alguns dos conceitos de Homi Bhabha acerca da agência social, da subjetividade e do pertencimento cultural.

Além desse conjunto de artigos, esta edição conta com a tradução elaborada por André-Kees Schouten do capítulo “Música, Cultura e Experiência”, de John Blacking, parte do livro *Music, culture & Experience - selected papers of John Blacking*. Como ressalta Elizabeth Travassos em sua apresentação, essa é primeira tradução para o português de um texto do autor que é considerado um dos mais importantes da etnomusicologia ou do que ele próprio chamou de antropologia da música. Travassos traça a trajetória de Blacking que, nesse ensaio, faz esforço para pensar antropológicamente a música através de temas como habilidade musical, propriedades da música como um sistema simbólico, relação entre música e instituições

sociais e a compreensão cultural a partir da análise musical.

A segunda tradução apresentada neste número é a do artigo “Por uma história da noção de campo”, de Bertrand Pulman, realizada por Wilma Marques Leitão. Nesse texto, o autor toma a palavra *terrain* – campo em francês – como um signo lingüístico passível de análise histórica. De modo sugestivo, demonstra os diferentes significados assumidos por essa palavra em língua francesa, que entrou no vocabulário científico a partir da geologia. Como produto dessa análise, o autor acaba por explicitar a influência decisiva que a geologia exerceu na antropologia estruturalista, pois ambas partilham do problema das relações entre diacronia e sincronia. Rachel Rua Baptista Bakke, em sua apresentação, destaca os diversos contextos nos quais o termo campo está inserido e ressalta seus postulados e propósitos antropológicos, salientando a riqueza da discussão de Pulman.

Na Seção Artes da Vida publicamos um ensaio fotoetnográfico de Pedro Jaime Coelho Jr. Tendo por cenário diversas metrópoles, o autor nos presenteia com instantes da vida urbana, fotos que demonstram a pressa e a indiferença, mas também a cumplicidade e a sutileza entre sujeitos e intervenções urbanas.

Nesta edição publicamos uma entrevista com o antropólogo e cineasta David MacDougall. Editada e traduzida por Lilian Sagio Cezar, a entrevista retoma diversos diálogos travados com MacDougall durante sua passagem por São Paulo em maio de 2006, quando da realização do Simpósio Internacional “Tradução e Percepção: Ciências Sociais em diálogo” na Universidade de São Paulo. Autor de inúmeros filmes etnográficos, alguns deles em parceria com sua esposa Judith, David MacDougall discorre sobre temas caros não só à Antropologia Visual, como também a todo labor antropológico: reflexividade, narrativa e autoria, ensino,

desenvolvimento tecnológico, Cinema Observacional e trabalho de campo.

Na seção Resenhas o leitor encontrará comentários críticos a livros que tematizam a questão das relações interétnicas, o relato da expedição de Koch-Grünberg ao norte da Amazônia, as dimensões da língua cigana e as práticas e as representações urbanas. Além disso, diante do aniversário próximo de duas obras clássicas, incitamos o leitor a uma leitura renovada dos livros: *Manual de Etnografia*, de Marcel Mauss e *A interpretação das culturas*, de Clifford Geertz.

João Dal Poz foi convidado a destacar o trabalho etnográfico e metodológico de Marcel Mauss, presentes em seu *Manual de Etnografia*. Embora a primeira edição desse livro tenha completado 60 anos, ainda inexiste uma edição brasileira (a única edição em língua portuguesa, salvo engano, data de 1972) da compilação dessas notas ditadas por Mauss em aula. Nesse exercício de leitura, Dal Poz revela um Mauss atento ao fazer etnográfico e ressalta o lugar paradoxal que ele ocupa na Antropologia: “um homem de campo sem sair de sua poltrona”, para usar uma expressão de Louis Dumont.

Nesta seção antecipamos igualmente o 35º aniversário de *A interpretação das culturas* (a primeira edição chegou ao público norte-americano em 1973 e ganhou versão brasileira cinco anos mais tarde). As mãos seguras de Cláudia Fonseca nos conduzem ao reconhecimento do impacto que o livro causou na Antropologia norte-americana e também mundial. Observamos ainda que o escrutínio dos principais temas que compõem esse livro seminal de Geertz também ganha contornos de homenagem ao autor, falecido em 2006.

Também publicamos neste número a edição do debate *Políticas de ação afirmativa: inclusão no ensino superior*, organizado pelos alunos da graduação em Ciências Sociais e em Filosofia da Universidade de São Paulo em outubro de

2006. A mesa-redonda contou com a participação de Frei David Raimundo dos Santos, diretor executivo da Educafro, cuja intervenção está centrada no conceito de coexistência das etnias; Dojival Vieira, editor da Afropress, que toma a escravidão como foco; José Carlos Miranda, coordenador do Movimento Negro Socialista, que enfatiza o sistema capitalista como produtor de desigualdades e, também, Yvonne Maggie, professora titular em Antropologia da UFRJ, que remonta noções como segregação e universalidade na diferença. Márcia Lima e Laura Moutinho ressaltam, em sua apresentação, a importância da publicação deste debate permeado de controvérsias, assunto que tem ganhado crescente visibilidade na sociedade brasileira. De acordo com as pesquisadoras, os debatedores não discordam quanto à existência da desigualdade racial no Brasil, mas sim, divergem quanto à construção de políticas para a sua redução, ou mesmo quanto à viabilidade de construir políticas anti-racistas não racialistas. Elas também alertam sobre a excessiva polarização em torno das cotas, em detrimento da possibilidade de discutir outras experiências para a diminuição das desigualdades raciais.

A seção *Informe* desta edição é dedicada à apresentação da Comunidade Virtual de Antropologia (CVA). Com o intuito de conjugar interesses diversos sobre a Antropologia (seja em âmbito acadêmico ou fora dele), a CVA tem a internet como espaço privilegiado para a divulgação de trabalhos e promoção de debates e entrevistas. Segundo seus membros atuais,

trata-se de uma forma de conferir maior dinamismo à produção antropológica para além do âmbito nacional.

A edição deste número não teria sido possível sem a colaboração dos autores que confiaram seus textos à revista. A todos nosso muito obrigado. Também desejamos reiterar nossos agradecimentos a todos os pareceristas que aceitaram nosso convite para realização de avaliação *ad hoc* das submissões e entabularam um diálogo generoso com autores e comissão editorial.

Agradecemos também a todos os professores e funcionários do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, bem como ao corpo de conselheiros da revista, por terem recebido com entusiasmo a edição comemorativa da *Cadernos de Campo* (nº 14/15, ano 2006) e oferecido suporte e estímulo para a continuidade de nosso projeto editorial.

Também desejamos registrar um agradecimento especial a todos os parceiros que possibilitaram em 2007 uma maior e melhor divulgação e distribuição da revista. Nossa gratidão: aos editores da *Revista de Antropologia* e da *Sexta Feira: Antropologias, Artes e Humanidades*; aos responsáveis pelos sites República do Livro, Overmundo e ABA; aos livreiros da Livraria e Editoria Humanitas/USP, do Setor de publicações do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/UNICAMP e da Livraria da Vila – Vila Madalena; e também aos técnicos do Centro de Preservação Cultural da USP – Casa de D. Yaya.